



MOA SIPRIANO

O C U N H A D O



MOASIPRIANO.COM

O CUNHADO

Moa Sipriano



www.moasipriano.com

Design da Capa & Editoração
Moa Sipriano

Imagem da Capa & Tipografia
pixabay.com
dafont.com

Todos os direitos reservados a
Moa Sipriano

Site oficial & Contato
moasipriano.com
escritor@moasipriano.com

Aproveitando os obrigatórios dias de descanso, passei a semana católica na casa materna. Pipocavam fervorosos festejos por toda a ilha, pois dezessete de setembro era o auge do feriado. Homenagem a São Crabedian, padroeiro de Lovland.

Eu estava na cozinha, nove da manhã, numa sexta-feira que prometia ser um dia bem agradável, preparando meu leite misturado com porções proibitivas de chocolate em pó, sem açúcar.

Meus restos pendiam de sono e de tristeza. Um ano de solidão. As lembranças tão palpáveis ainda machucavam minha alma. Era impossível aceitar que estávamos separados.

Minha irmã entrou como uma lufada espessa. Os cabelos curtos – agora ruivos – ainda molhados do famoso banho “trinta minutos”, denunciavam sua angústia em resolver as últimas equações do universo.

Ela jogou as chaves da picape sobre a mesa, quase atingindo minha estimada caneca de ágata. Dirigiu-se até a pia da cozinha, servindo-se do café recém-coado à moda antiga. Com certo estardalhaço, puxou uma parte do banco de madeira. Sentou-se à mesa e começou a conversar comigo como se tivéssemos dormido em concha na noite passada.

“Já é o quinto dia antes do bendito feriado e o sujeito ainda está de cama. Pode uma coisa dessas?”, disse, quase aos gritos, minha delicada irmãzinha.

“Monika, em primeiro lugar: Bom dia!”, cortei a conversa, lembrando a distinta que não nos víamos há quase três meses.

“Ahh, desculpinha!”, ela levantou o corpo magérrimo do banco envernizado e beijou-me no alto da cabeça.

“Bom diaaaa, meu ‘solitário’ favorito!”

Mesmo não havendo maldade nas palavras, o cinismo de Monika conseguiu abrir ainda mais aquela ferida que custava a sarar.

“Por favor, Monie, não brinque com meus sentimentos. Eu sinto muito a falta dele.”

“Monika, minha filha, chegou cedo!”

Nossa mãe entrou na cozinha segurando um cesto de roupas úmidas. Queria aproveitar o sol forte daquela manhã. Ela depositou o cesto ao lado da pia de granito, beijou-me na boca com o tradicional “selinho” e trocou dois beijos rápidos com minha irmã, que retribuiu sem tocá-la.

“Mamãe, Laars está na casa da Sofie desde quarta-feira!”, cacarejou Monika, eufórica, quase derrubando a xícara de café sobre a minha insignificância.

Ela limpou a boca com meu guardanapo e continuou sua revolta:

“Achei que meu ilustríssimo marido ia tirar o maldito gesso ontem à tarde. Só que o Dr. Müller me disse por telefone que ele deve ficar pelo menos mais uma semana com aquela coisa imaculadamente branca, dura, empinada... e não tô falando do *peepo* dele, viu irmãozinho!”

Ignorei a piada idiota. Minha mãe deu de ombros.

Laars é o meu sobrinho. Ele estava na casa de uma amiga de Monika que morava na Cidade Cinzenta, do outro lado da ponte.

“Você vai deixar seu marido sozinho nos próximos dois dias?”, questionou minha mãe, sem o mínimo de espanto pela atitude da filha. Nós conhecíamos o gênio de Monika. Resolvi permanecer calado.

“Ele é bem grandinho. Pode muito bem se virar sem mim”, ela respondeu, o egoísmo transpirando dos seus poros dilatados.

Levantou-se com rapidez, dirigindo-se ao lado da pia, enquanto depositava a xícara suja dentro da cuba inox, sem menção de lavá-la.

“Não vou deixar de passar o aniversário da minha melhor amiga, como faço todos os anos, por causa daquele gesso”, ela disse no melhor tom de voz estridente que sempre me irritava.

Monika pegou as chaves e a bolsa de plástico transparente, continuando a tagarelar:

“Sofie passou em casa para buscar Laars. Eu já deveria ter ido com ela, mas acreditei que meu encosto estaria ‘curado’ para irmos todos juntos logo no dia seguinte. Viajar como uma família normal, a senhora não acha?”

Minha exaltada irmã tilintou as chaves da Ford Ranger no ar, indicando que já estava de partida. Dona Erna apenas suspirou, já que nada podia fazer. Eu permaneci lacrado, explodindo nas entranhas, esperando com um resto de paciência o momento certo para agir.

Trocamos novos beijos. Monika conferiu algo no interior da bolsa extravagante. Minha mãe acompanhou a filha rebelde até a picape azul metálico, recém-adquirida.

Abatido, acabei de tomar meu leite, tentando encontrar um pouco de paz enquanto escutava o silêncio. Em seguida, lavei a xícara deixada por ela e

também minha caneca de estimação. Eu enxugava a pia quando minha mãe retornou com aquela face de desaprovação pelos atos destrambelhados da filha.

“A senhora disse alguma coisa para ela?”, questionei-a, mesmo sabendo qual seria o veredito.

“Ela é uma garota decidida”, respondeu minha mãe, com tristeza no olhar.

“Eu sei, mas o problema é o egoísmo que ela carrega dentro de si. Klaus não está bem. Ele precisa de companhia. Não pode ficar sozinho!”, balbuciei sem olhar para ela, enquanto guardava com cuidado minha caneca no alto do terceiro armário.

Dona Erna pegou seu cesto de roupas amaciadas. O sol a esperava, impaciente. Ela abriu a porta de vidro, saindo para o quintal gramado.

Fui para o antigo quarto, palco de intermináveis batalhas adolescentes travadas com minha única irmã. Peguei a velha toalha bordada com meu nome. Relaxei o corpo durante um segundo banho rápido.

Escovei os dentes. Simulei um sorriso cansado. Enxuto, coloquei uma bermuda cáqui e uma Lacoste azul, minha cor preferida. Calcei os tênis velhos de guerras, um deles furado na ponta do pé esquerdo. Porém, era um detalhe que pouco me importava, pois aqueles eram os tênis do meu amado. Foi o que sobrou de tudo. Eu calçava os viajantes sentindo como se o próprio Hans protegesse meus pés e guiasse meus caminhos.

Eu sei que ele cuida de mim. Eu sinto sua presença.

Na garagem, apanhei minha bicicleta. Verifiquei o estado dos pneus e dos amortecedores dianteiros. Quando saímos ao sol, ela brilhava feito uma joia rara. Dou valor e cuido muito bem das coisas que conquisto.

Passei pelo quintal onde minha baixinha acabava de estender o último lençol. Minha mãe estava com alguns prendedores de madeira na boca. Estica, ajeita, prende um lado, depois o outro. Um vento preguiçoso produzia ondas difusas sobre o tecido de cor creme. Ela se agachou para pegar mais alguma coisa no cesto de vime, que já havia vivido dias melhores.

Aguardei com paciência mamãe alongar outro tecido no varal, uma de suas peças íntimas. Segurei o riso, mas não pude evitar uma ferina comparação, imaginando que a quantidade de pano utilizada naquela peça daria folgadoamente para produzir uma dúzia das calcinhas escandalosas que Monika costumava usar. Isso quando ela usava algo no lado oculto do Equador.

Minha mãe vivia como no século passado. Seu vestido era confeccionado pelas próprias mãos. O tecido, estampado com diminutas flores, comprado em lojas de liquidação, refletia seu permanente estado de espírito: sereno.

Monika adorava dizer que ela era uma mulher “fora de moda”. Mas nós não dávamos ouvidos aos comentários proferidos por ela. Monika vivia em uma dimensão muito além do que restou da família.

Apesar do gênio intragável da minha irmã na maioria das ocasiões, confesso que eu chegava a admirar sua postura decidida – muitas vezes radical! –, porém sem um pingo de medo em arriscar. Uma cópia perfeita do nosso pai, pelo menos daquilo que ainda recordávamos de sua personalidade intrigante.

“Vou até a casa de Monika ver como está o meu cunhado”, abracei minha mãe por trás e beijei-a com suavidade no rosto marcado.

“Voltará para o almoço?”, suas feições, mais uma vez, demonstravam uma preocupação inexistente, desnecessária, retrocessa.

“Eu vou fazer aquela Torta de Brócolis que você tanto gosta!”.

Dona Erna tinha pavor de que seus filhos ficassem sem alimentação. Eu compreendia seus temores. Passáramos fome numa época hoje sepultada de nossas existências. Era comum ela ligar com frequência para mim ou para Monika, a fim de saber se tínhamos comida em casa. Era um trauma que ela jamais conseguiu superar, depois que nosso pai a deixou há exatos vinte anos.

Alguns meses antes de Hans voltar para o real mundo invisível, seu estado de saúde era muito delicado. Minha mãe costumava ficar em casa durante o dia enquanto eu saía para trabalhar. Empanturrava meu amado com todo o tipo de comida. Fazia-lhe todas as vontades gastronômicas.

Ela não compreendia o motivo de Hans permanecer sempre tão magro e abatido. Mamãe achava que sua comida pudesse reanimá-lo. Ela o amava também. Fez de tudo para que meu marido se recuperasse o mais rápido possível.

Perdemos a batalha. Perdemos a guerra.

Sáímos fortalecidos da situação.

O que me conforta é saber que Hans foi cuidado e amado por suas duas “mulheres” até o último segundo.

Eu amava tanto o meu marido, meu amigo, meu companheiro!

“Não, mãe. Eu não volto para almoçar”, disse a ela, enquanto acariciava seus cabelos cor de cevada.

“Faço alguma coisa por lá mesmo. Seu filho é um ótimo cozinheiro. A senhora se esqueceu desse detalhe?”, tentei tranquilizá-la. Beijei-lhe as mãos e me afastei.

“Eu ligo para saber se vocês estão bem... e vou guardar um bom pedaço da torta para você comer no jantar!”, a voz lacrimosa quase me fez desistir de visitar meu cunhado.

Eu conhecia aquela mulher. Mamãe odiava ficar sozinha. Não aceitava que os filhos haviam crescido e que cada um precisava trilhar seu próprio destino.

Montei na magrela e saí pelas ruas de areia em direção ao lado oeste da ilha.

* * *

A casa da família Glastwäuer situava-se numa colina com uma hipnotizante vista para o Atlântico, onde também se podia distinguir um pedacinho da estrutura metálica da majestosa ponte que ligava nossa ilha ao resto do mundo.

Desci da bicicleta e caminhei o restante do trajeto, empurrando minha companheira pela íngreme subida que dava acesso à entrada da moderna construção em concreto aparente, alumínio polido e janelas-golias, onde os vidros espelhavam a perfeição do suntuoso e extremamente bem cuidado jardim.

Notei o Cavalier do meu cunhado na garagem aberta. Monika não se dera ao trabalho de pelo menos fechar a porta semiautomática. Não custava girar uma chave e apertar um simples botão!

Repousei minha bicicleta ao lado do carro cor de chumbo. Ajustei os números da trava, liberando e passando a grossa corrente entre o aro de trás e uma argola fixada na parede – uma das ideias do meu amado Hans para proteger a bicicleta de Laars. Ele adorava tanto o meu sobrinho!

Fechei o cadeado e caminhei embalado em assovios até a entrada principal.

Mesmo possuindo uma cópia da chave da casa, não precisei utilizá-la, pois notei que a porta estava destrancada. Mais um detalhe esquecido pela minha querida irmã e sua pressa em curtir a companhia da amiga inseparável.

Depositei meu chaveiro no bolso lateral da bermuda. Viajei pela ampla sala, toda besuntada em luz e cores incríveis. Ao passar pelo estúdio onde Klaus criava seus projetos de engenharia, um som cristalino emanava do

Macintosh ligado às caixas JBL de formato futurista. Secret Garden harmonizava o ambiente. Segui até o quarto do casal.

Klaus lia uma edição antiga do *Welt*. Recostado na cama colossal, baixou o exemplar até a cintura e retirou os óculos de leitura, colocando-os sobre a delicada e custosa mesinha em tom marfim.

“Que agradável surpresa!”, a sinceridade estampada nas palavras ditas da boca miúda, num sorriso caloroso.

“Venha dar um abraço no seu véio”, ele abriu os braços fortes convidando-me a sentir suspirantes boas-vindas.

Sentei-me ao seu lado e trocamos o abraço. A essência do seu Hugo Boss misturado com a química natural do seu corpo trouxeram-me boas recordações.

Klaus era um homem robusto. Toda vez que eu o via, me lembrava dos cartazes típicos que estampavam imagens de lenhadores canadenses, que povoaram minha adolescência pré-sexual, afixados no mural da escola de inglês.

Lembro-me dos corpos volumosos dentro de calças jeans coladas naquelas coxas grossas. E aquelas camisas abertas, de estampa xadrez, onde o carpete negro ou amarelo-tostado daqueles peitorais divinos misturava-se com a trama do tecido artesanal.

O rosto quadrado de linhas rígidas e sérias, onde um farto e bem cuidado cavanhaque completava o visual de Grande Urso, em nada denunciava o homem carinhoso que ele era. Quem não o conhecia geralmente se assustava com sua postura “arrogante”.

Era notório o charme da marca da barba cerrada que o obrigava a fazê-la dia sim, noutro também. O cavanhaque ruivo assumia um contraste marcante com a cicatriz delicada em forma de meia-lua no lado esquerdo do rosto, que lhe imprimia um ar personalíssimo, sensual e atraente. Os olhos acastanhados faziam harmonia impecável com os cabelos vinho, começando a rarear nas têmporas. O peito, coberto por um verdadeiro matagal, era um convite para o aconchego.

“Oi, Fofó. Como você está se sentindo?”, perguntei-lhe com sincera preocupação ao ver a perna esquerda engessada até a altura da virilha. O pé direito também estava em dedos arroxeados e calcanhar engessado.

Tudo isso resultado de um acidente ocorrido doze dias atrás.

Minha mãe havia me dito que a Honda, com o tanque amassado e outras

peças bem danificadas, jazia na oficina do velho Handie, o melhor mecânico da ilha.

O abraço foi desfeito. Posicionei meu corpo encabulado bem longe dos gessos, temendo encostar sobre suas pernas e assim provocar-lhe algum tipo de desconforto.

“O seu ‘fofo’ está bem. O pior já passou”, disse meu cunhado urso, abrindo um sorriso luminoso de satisfação ao ouvir o antigo apelido dito com tanta candura.

* * *

Conheci Klaus quinze dias antes do seu casamento com Monika, há oito anos. Ela o levava para jantar em minha casa. Era a primeira vez que ele frequentava o lar de homossexuais assumidos.

Tirando a falta de intimidade inicial – natural em todo princípio de contato –, Klaus ficara encantado com a demonstração de amor e carinho trocada entre Hans e eu.

Depois do jantar, enquanto eu e Monika cuidávamos da louça suja – eu lavando e enxugando tudo e ela falando sem parar, como sempre – Hans e Klaus ficaram na sala e se divertiam num maluco jogo de palavras ditas num dialeto alemão que só era falado pelos mais velhos.

Após a limpeza da cozinha, juntamo-nos a eles. Dois casais em perfeita harmonia. Aprovei o meu cunhado desde o primeiro segundo. Os opostos realmente se atraem, pois ele era o complemento ideal para minha irmã tão espevitada.

Klaus é um homem carinhoso, educado, dono de um senso de justiça e honestidade fora do comum. Nós três tornamo-nos amigos verdadeiros em questão de dias.

Meu cunhado trabalhava como engenheiro numa famosa construtora pra lá da ponte. Seu escritório ficava a duas quadras de distância do meu antigo estúdio de design gráfico.

Após o casamento, foram muitas as ocasiões em que Klaus deixava minha irmã na casa de mamãe e vinha buscar Hans para jogarem futebol de salão num clubeco não muito distante da nossa casa.

Às vezes, eu e Monika éramos obrigados a aguentar dois bêbados dançando e cantando músicas em alemão misturado com um incompreensível português, depois de uma suada vitória de seu time sobre os italianos, rivais pernas de pau. Crianças crescidas saboreando uma boba conquista. Maridos felizes. “Mulheres” realizadas.

Fofó, o apelido, foi sugerido por mim-eu-mesmo logo após uma brincadeira pessoal com um típico toque de sarcasmo bambeano. Klaus havia engordado muito logo nos primeiros meses de casado. Toda vez que rolava um encontro, eu o chamava cinicamente de “fofo”, no fundo sempre preocupado com o seu bem-estar.

Ele então passou a se cuidar. Frequentou academias após a orientação do Dr. Müller, o médico da nossa família. Também começou a praticar natação três vezes por semana. Mudou sua alimentação. Em pouco tempo ficou em forma, muito mais bonito e atlético do que quando nos conhecêramos.

Quando Hans partiu, Klaus fora o único amigo heterossexual a abrandar minha dor com seu carinho e muita compreensão. Desde aquele momento passei a chamá-lo somente de “fofo”. Nunca mais o tratei pelo primeiro nome. Essa foi a minha maneira tosca de expressar o quanto sua presença fora importante para mim em um momento tão frágil da minha existência. Carinho em forma de apelido. Apelido em forma de gratidão.

* * *

“Sid, ajude-me a levantar. Preciso tomar um banho e um pouco de ar fresco”, disse Klaus, apoiando sua pesada mão direita em meu ombro sempre tão desengonçado.

Meu rosto estampava uma expressão de pavor, pois eu tinha muito receio de tocá-lo. Acreditava que uma posição incômoda poderia lhe causar milhares de dores.

“Não tenha medo, pois você não vai quebrar mais nada dentro de mim”, uma gargalhada gostosa eclodiu na imensidão daquele quarto sofisticado.

Ajudei meu fofo a caminhar até o banheiro daquela suíte suntuosa demais para os meus princípios.

Klaus trajava uma camiseta branca com a estampa do filho Laars quan-

do bebê. A foto fora tirada por Hans durante um piquenique nas areias brancas de Gobsun, a mais perfeita praia da ilha, onde toda a família havia participado. E na parte de baixo do corpanzil ele usava um surrado calção de seda, na cor vinho com detalhes losangos em preto, que em nada combinava com seu estilo.

Já no banheiro, apoiado em mim de propósito, Klaus assoviava, enquanto dava uma demorada mijada.

“Quer chacoalhar, por favor?”, ele me intimou, entre risos de desafio. A timidez impediu-me de olhar para o seu membro. Afundei uns vinte centímetros e corei de vergonha com sua “ordem”.

“Seu pango!”, sua mão limpa levantou meu rosto.

“Eu jamais perderia o respeito por você”, ganhei uma bitoca na testa.

Devolvi um sorriso tímido. Ajudei o Grande Urso a retirar a camisa branca. Joguei o pequeno Laars no cesto de roupas sujas.

Sentado no tampo da finíssima louça sanitária, retirei o calção medonho de Klaus, tomando o máximo de cuidado para não enroscá-lo em sua perna engessada. Mais uma vez desviei o olhar do sexo adormecido. Meu cunhado ria descaradamente daquela situação banal para ele, insólita pra mim-eu-mesmo.

“E como você espera que eu consiga me lavar sozinho com esse troço grudado na perna?”, Klaus apontou para um pequeno banco de madeira marítima que estava ao lado do cesto de roupas sujas. Em cima do banco havia um dorminhoco plástico amarelo. Idas e vindas, consegui banhá-lo com a água morna que jorrava com forte pressão do segundo chuveiro ultramoderno.

Enquanto eu me preocupava em não molhar o gesso, apesar de ambas as pernas estarem envoltas no plástico medonho, Klaus parecia se deliciar com a minha falta de jeito para administrar uma situação tão simples.

Minutos que pareceram horas foram gastos para a higiene completa. Klaus ria e cantava em alemão e se banhava em lesmanês. Eu ficava cada vez mais vermelho e introspectivo, já que o único macho que compartilhou um banho comigo em toda minha vida foi meu marido Hans!

Ajudei-lhe a se enxugar. Deitado, nu sobre a cama, ainda rindo do meu estado escalafobético, buscando o ar e pigarreando a seguir, meu cunhado indicou-me onde estavam suas roupas limpas.

Abri as portas do guarda-roupa e encontrei as peças necessárias. En-

quanto o auxiliava na colocação dos tecidos perfumados, foi impossível não admirar-lhe o belo físico. O gesso branco contrastava violentamente com o mar de pelos acobreados espalhados como uma pintura sobre seu corpo “puro músculos”. Via-se pouco da pele branca sob a espessa camada de fios do peito, costas, braços e um pedacinho da perna quase saudável, recoberta pela toalha umedecida.

“Puxa, como você é lindo!”, comentei, ruborizando de imediato.

“Sid, foi você quem me incentivou a ficar ‘bonito’ e a melhorar meu amor-próprio”, ele afirmou com simplicidade.

“Eu queria ficar bonito para a minha mulher. Eu queria me sentir bem no trabalho perante meus amigos, clientes e subordinados”, continuou Klaus, apurando-se com dificuldade, procurando alicerce em meu abraço.

Em passos cuidadosos, esquecendo os apoios de madeira, esticamos até o palácio das piscinas. Palmarosas, hortênsias, samambaias, orquídeas e uma infinidade de flores e plantas cultivadas com amor e dedicação por Monika contribuía com um colorido exótico e perfumes inebriantes para o arejado espaço mais cobiçado da casa, planejado pelo marido.

Ouvíamos um Bem-te-vi entoando sua repetida melodia. Klaus foi acomodado numa espreguiçadeira de madeira branca. Apoiei suas costas com uma almofada em formato de coração – detalhes bregas da “moderna” Monika.

Quando me assegurei que ele estava confortável, sentei-me ao seu lado, esticando-me na cadeira que pertencia à minha irmã.

“Eu até compreendo que seria um transtorno você viajar desse jeito. Mas não me conformo da Monika tê-lo abandonado aqui, sozinho. Percebo sua dificuldade em respirar, os movimentos lentos, esse trambolho pesado nas...”, as palavras saíram como um lamento da minha alma.

“Sid, está tudo bem. Eu certamente saberia me virar na ausência dela”, sua voz, como sempre, tinha o poder de me confortar de imediato.

“Monika é assim mesmo. Tempestuosa. Radical. As coisas têm de ser como ela quer, do jeito que ela deseja e no momento que ela exige”.

Não havia mágoa em suas palavras; tudo era somente uma afirmação.

“Mas, Fofó, eu sei como ela é”, dei um longo suspiro.

“Custava ter um pouco mais de consideração por você?”, desabafei.

“Meu amado cunhado, você realmente é um cara fantástico”, ele disse

olhando bem dentro dos meus olhos.

“Bem-aventurado aquele que tomar-lhe como companheiro. Não existem mais rapazes tão doces como você”, ganhei um gostoso safanão no alto da cabeça.

Senti como se um Moisés sensual estivesse na minha frente durante uma pregação neoprotestante. Um riso curto e tímido eclodiu em meus lábios secos. Uma lágrima surgiu e foi logo eliminada ao toque macio da mão truculenta do meu cunhado urso:

“Não fique assim. Sei o quanto você se preocupa com as pessoas. O que importa agora é que eu estou muito feliz por você me fazer companhia.”

Tentei agradecer o comentário, mas ele precisava finalizar os comprovantes:

“Prefiro mil vezes que Monika esteja bem ao lado da amiga e do filho, do que vê-la emburrada pelos cantos da casa. Amo sua irmã do jeito que ela é. Não quero que nada mude na forma que ela escolheu ser e viver. Não quero nada alterado no rumo da nossa relação.”

“Eu compreendo, Fofó. Eu só não gosto de ver as...”, Klaus segurou meu braço. Eu deveria parar com as lamentações e revoltas infundadas. Entendi o recado.

“Temos que aprender a conviver com as limitações das pessoas, meu doce Sid”, novamente ele puxou meu rosto para que eu pudesse olhar dentro da sua alma.

“Se nessa existência eu fosse gay e estivesse à procura de um companheiro, certamente você seria o carinha ideal para uma parceria feliz e completa”, a sua transparência atingia o meu coração.

“Só que os Céus resolveram colocar você em meu caminho para me mostrar que o amor fraternal que cultivamos entre nós é um dos mais puros sentimentos que um ser humano pode sentir pelo seu semelhante, não é mesmo?”

Fiz um sinal de positivo com a cabeça. Klaus sorriu, continuando sua explanação carinhosa:

“Eu invejei a sua relação com Hans desde o princípio. Eu jamais havia presenciado tamanha devoção entre um casal, não me importa de que sexo. Nunca imaginei que um homem pudesse amar outro homem como vocês se amavam.”

“Fofó, eu ainda amo aquele homem”, comecei a chorar.

“Eu vou amar Hans por toda vida!”, não consegui me conter.

“Eu sei disso, Sid”, seus dedos inchados voltaram a secar minhas lágrimas incessantes.

“Eu tive o privilégio de acompanhar tão linda manifestação de amor. Tento a cada dia que passa transmitir tudo de bom que sinto pela minha mulher e pelo meu filho, espelhando-me naquilo que você viveu com seu amado. Pode acreditar em mim!”

Perdi as forças. As recordações intensas passavam como um filme technicolor na frente das minhas retinas dilaceradas. Hans caído no chão. Hans sem respirar. Hans sendo cremado. Choro incontrollável. Saudade-angústia que rasga a alma!

Klaus puxou-me para um reparador aconchego:

“Eu também gostava muito do Hans. Venha, meu menino, repouse sua cabeça aqui no seu véio.”

Fraco, levantei-me, arrastei meu móvel até formar uma tosca cama de casal e caí concreto ao lado do homem que devia me amparar com seu calor fraternal. Minha cabeça pousou entre seus braços monolíticos. Meu rosto foi colado no tecido macio da camiseta limpa. Eu podia sentir os fartos pelos abaixo do tecido. Klaus envolveu-me num comovente enlace:

“Deixe-me amá-lo à minha maneira”, sua mão pesada acariciava meus cabelos delgados.

“Tudo o que eu posso lhe repassar, Sid, é o meu honesto carinho e o meu imenso respeito. Tento retribuir a sua presença e o seu amor incondicional por mim e minha família. Te amo como se você fosse meu irmãozinho de sangue. Aquele que eu nunca tive!”

Eu não encontrava forças para replicar. Eu precisava daquele afago. De me sentir protegido, amado, acolhido. Klaus apertou-me de encontro ao seu espírito reconciliador. Papai urso cuidando do seu filhote. Um doce e rústico beijo foi depositado em minha frente, na altura do terceiro olho:

“Fique comigo o resto do dia. Estamos sozinhos e necessitamos dessa troca de energias. Tente relaxar e recorde os momentos maravilhosos que você passou com Hans. Sinto que ele está pensando em você aqui e agora e anda louco de vontade de se conectar com essa sua alminha atribulada!”, senti as palavras sussurradas que iam direto para o meu coração, confortando-o da minha fragilidade em admitir o inevitável.

Abracei com determinação aquele ser divino. Aquela mão encorpada, porém suave, fez com que meus sentidos se desligassem por completo. Entre nós havia uma verdadeira troca de energias revitalizantes. A ausência dos seres amados era curada com o abraço cheio de um amor puro destilado e reciclado entre nós dois.

Um sentimento fantástico que todos deveriam gozar pelo menos uma vez na vida. Uma união entre homens que não permitia nenhuma chance dos ataques da Luxúria. Somente ampliávamos os anseios de cura da alma.

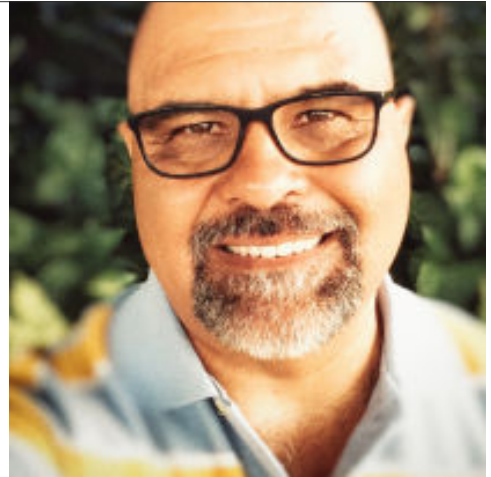
Minha irmã estava feliz ao lado da amiga e na companhia do meu pequeno sobrinho – amor na amizade; amor na maternidade. Minha mãe deveria ligar a qualquer momento, perguntando se havíamos ingerido algum alimento – amor materno que jamais aceita qualquer qualidade de sofrimento dos filhos.

Morfeu chegou embalado nas melodias celtas que ainda tocavam no computador do estúdio. Eu era abençoado com a oportunidade de degustar a essência de um amor autêntico.

As carícias do meu cunhado induziram-me ao sonho.

Permaneceríamos assim por tempo não definido.

Amando um ao outro. Do jeito que Ele nos ensinou!



Sobre o Autor

Moa Sipriano é natural de Jundiaí, interior de SP. Escreve e publica contos, crônicas e romances desde 2004. No Brasil, foi pioneiro na criação e divulgação de livros digitais contendo exclusivamente literatura homopopular. Sua arte retrata com crua fidelidade e lirismo o amor verdadeiro, os conflitos internos, o sincero companheirismo e a real espiritualidade da Diversidade. O autor pincela suas histórias e verdades com inteligência, sarcasmo e sensualidade em tonalidades exatas, proporcionando ao leitor um momento termântico, surpreendentes descobertas, além de uma profunda reflexão.

* * *

Para conhecer todas as obras: **moasipriano.com**

E-mail: **escritor@moasipriano.com**

Facebook: **facebook.com/moasipriano**

Instagram: **instagram.com/moasipriano**
